

EDIFÍCIO- SEDE DO GOVERNO REGIONAL DA PROVÍNCIA DO BRABANTE FLAMENGO 1998-2003, Lovaina – Bélgica

Co-autores BVBA Wit Architectennootchap

Cliente Government of the Province of Flemish Brabant
Especialidades Bureau voor architectuur en stabiliteit Dirk
Jaspaert NV Partners, Marta Byrne (paisagismo)
Fotografia Andre Nullens

A Casa da Província, o edifício-sede do novo parlamento regional da província do Brabante Flamengo (Bélgica), situa-se no limite do núcleo histórico de Lovaina, marcado pela via circular que substituiu a muralha medieval, entre uma zona de carácter maioritariamente residencial e a linha férrea, introduzida no século XIX segundo uma tangente à antiga linha da muralha, alterando profundamente o tecido urbano e a imagem da cidade.

A área de intervenção integra um vasto plano urbanístico de Marcel Smets, que procura criar uma nova centralidade urbana em torno da estação de comboio e do novo edifício governamental. Este pretende retomar uma tradição flamenga, assumindo uma forte dimensão territorial e paisagística: uma torre, com doze pisos, marca a presença do edifício em direcção ao centro a partir do ponto onde a *Boulevard* Circular toca o canal ferroviário, no remate com a Rua *Justus Lipsius*, e um conjunto de quatro corpos mais baixos (com a altura máxima equivalente a três pisos), separados por pátios-jardins, opera a difícil transição para o canal ferroviário, abrindo o edifício visualmente ao viajante do TGV. Junto à torre, surge uma praça, reflexo do alçado desta, ligando a Casa da Província ao espaço público da cidade em redor. O piso térreo do edifício emerge a sete metros acima do canal ferroviário e lança-se desde a praça até ao jardim no extremo oposto.

Na torre, localizam-se os vários gabinetes que compõem a função administrativa formal, em que uma modulação rigorosa permite, não obstante, uma grande flexibilidade na ocupação e compartimentação. As funções programáticas de carácter público – a sala parlamentar, o auditório, a biblioteca e a cafetaria – distribuem-se, individualmente, pelos quatro corpos mais baixos interligados por um corredor envidraçado, que abre para os vários pátios-jardim, oferecendo uma leitura única do piso térreo. Por sua vez, os pátios-jardim funcionam como estabilizadores topográficos e dão expressão e ritmo aos espaços públicos do edifício, através de intervenções de acordo com a especificidade e localização de cada um.

A fronteira entre os espaços públicos e privados, intencionalmente ténue, oferece diferentes graus de transparência e opacidade como pano de fundo de mutação, num espaço interactivo que reage à paisagem envolvente, ao céu e ao movimento fugaz dos comboios. O edifício torna-se um dispositivo doseador que articula, de forma cinematográfica, os espaços interiores e exteriores, públicos e privados, permitindo que o próprio contexto o habite. Esta dupla habitabilidade, entre solo e céu, limites naturais e limites construídos, procura celebrar o protagonismo dos espaços intersticiais, um sistema de vazios que alimenta e, simultaneamente, nutre a cidade à sua volta.

